

Araújo, J.S.



PESQUISA

Psicologia, pobreza e produção de subjetividade: um estudo sobre a compreensão de pobreza para psicólogos em formação

Psychology, poverty and subjectivity production: a study on poverty understanding for psychologists in training

Psicología, pobreza y producción de subjetividad: un estudio sobre la comprensión de pobreza para psicólogos en formación

Julianna Sampaio de Araújo¹

RESUMO

Este estudo se direciona a refletir sobre a compreensão de pobreza que tem os psicólogos em processo de formação pelo curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) bem como pontuar, de que forma os discentes visualizam os contextos de pobreza como possíveis campos de inserção e intervenção profissional. Trata-se de um estudo qualitativo cuja estratégia metodológica consiste na pesquisa do tipo descritiva. Para coleta de dados optou-se pelo uso da técnica do questionário semi-aberto, com perguntas a cerca do tema pobreza e do processo de formação profissional. Participaram do estudo 35 discentes, sendo eles 12 com orientação de gênero masculina e 23 com orientação feminina. Como procedimentos de análise e tratamento dos dados, utilizou-se, o software IRAMUTEQ, bem como apoiou-se na técnica de Análise de Conteúdo com base em Minayo. Os discentes de psicologia compreendem a pobreza como processo fruto do sistema econômico vigente e que se caracteriza pela negação da possibilidade de consumo e de subsistência. Para eles os contextos de pobreza são campos possíveis de atuação profissional, entretanto, avaliam que o curso não os tem preparado para atuar nesses cenários. Faz-se relevante a ampliação das discussões, ainda na formação de conteúdos que perpassem a questão social, a pobreza e as desigualdades, de forma a permitir que os egressos vislumbrem a atuação do Psicólogo como potência nos processos de transformação subjetiva, mas, também social. **Descritores:** Psicologia. Pobreza. Formação Profissional.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the understanding of poverty that has the psychologists in the process of formation by the undergraduate course in Psychology of the Federal University of Piauí (UFPI) as well as to point out how the students visualize the contexts of poverty as possible fields of insertion and professional intervention. It is a qualitative study whose methodological strategy consists of descriptive research. For data collection, the semi-open questionnaire technique was used, with questions about the issue of poverty and the process of professional training. Thirty-five students participated in the study, 12 of them with a male gender orientation and 23 with a female orientation. As data analysis and processing procedures, the IRAMUTEQ software was used, as well as based on the Minayo-based Content Analysis technique. The students of psychology understand poverty as a process fruit of the current economic system and characterized by the denial of the possibility of consumption and subsistence. For them the contexts of poverty are possible fields of professional activity, however, they evaluate that the course has not prepared them to act in these scenarios. It is relevant to broaden the discussions, still in the formation of contents that cross the social issue, poverty and inequalities, in order to allow the alumni to see the performance of the Psychologist as a power in the processes of subjective transformation, but also social. **Descriptors:** Psychology. Poverty. Professional qualification.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la comprensión de la pobreza que tienen los psicólogos en el proceso de formación del curso de licenciatura en psicología de la Universidad Federal de Piauí (UFPI), así como señalar cómo los estudiantes visualizan los contextos de pobreza como sea posible. Campos de inserción e intervención profesional. Es un estudio cualitativo cuya estrategia metodológica consiste en la investigación descriptiva. Para la recolección de datos, se utilizó la técnica de cuestionario semiabierto, con preguntas sobre el tema de la pobreza y el proceso de capacitación profesional. Treinta y cinco estudiantes participaron en el estudio, 12 de ellos con orientación de género masculino y 23 con orientación femenina. Como análisis de datos y procedimientos de procesamiento, se usó el software IRAMUTEQ y se basó en la técnica de análisis de contenido basada en Minayo. Los estudiantes de psicología entienden la pobreza como un proceso fruto del sistema económico actual y caracterizado por la negación de la posibilidad de consumo y subsistencia. Para ellos, los contextos de pobreza son posibles campos de actividad profesional, sin embargo, evalúan que el curso no los ha preparado para actuar en estos escenarios. Es relevante ampliar las discusiones, aún en la formación de contenidos que atraviesan el problema social, la pobreza y las desigualdades, a fin de permitir que los exalumnos vean el desempeño del Psicólogo como un poder en los procesos de transformación subjetiva, pero también social. **Descritores:** Psicología. Pobreza. Cualificación profesional.

1 - Psicóloga pela Universidade Federal do Piauí. Mestra em Saúde Coletiva: Políticas e Gestão em Saúde pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Araújo, J.S.

INTRODUÇÃO

Este estudo se direciona a refletir sobre a formação do profissional Psicólogo. Pretende-se investigar a compreensão de pobreza que tem os psicólogos em processo de formação pelo curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) bem como pontuar, de que forma os discentes do curso de Psicologia da UFPI visualizam os contextos de pobreza como possíveis campos de inserção e intervenção profissional.

No Brasil a profissão de psicólogo foi regulamentada em 1962 e o modelo de referência da profissão, na época, tinha como foco a atuação centrada na clínica individual, em consultórios particulares, dirigida principalmente a pessoas de classe média-alta, baseando o fazer profissional em uma perspectiva autônomo-liberal (DIMENSTEIN, 1988).

A inserção do profissional de Psicologia em Políticas Públicas no país aconteceu principalmente a partir da década de 80, com o estabelecimento de equipes mínimas de Saúde Mental, a criação e consolidação do Sistema Único de Saúde, da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRASCO) e ainda mais recentemente com a implantação da Política Nacional de Assistência Social e o Sistema Único de Assistência Social (DE OLIVEIRA; AMORIM, 2012).

Entretanto, não se pode afirmar que a entrada da profissão de Psicologia nas Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social tenham significado transformação nos modelos teóricos e práticos que fundamentam a formação e a atuação profissional (DIMENSTEIN, 2001) tampouco, que tenham sido resultado de processos de conscientização profissional quanto à função da psicologia junto a camadas mais pobres da população (DE OLIVEIRA; AMORIM, 2012).

Autores como Ferreira Neto (2010) e Yamamoto e Oliveira (2010) afirmam que as

práticas de muitos psicólogos que atuam no SUS e no SUAS ainda hoje estão bastante voltadas para um modelo clínico restritivo, privado e curativista influenciados pela formação profissional que ainda sustenta e embasa seu modo de fazer na clínica médica.

Tais práticas são pautadas em modelos que, muitas vezes, não se adequam com as propostas das Políticas Públicas, nem com a realidade dos dispositivos em que tais profissionais estão inseridos, principalmente quando se trata de serviços que tem como princípio de atuação a territorialidade (YAMAMOTO; OLIVEIRA, 2010).

Assim a inserção da Psicologia nas Políticas Públicas põe em xeque os modelos tradicionais sobre os quais se sustentavam a formação e o exercício da profissão, exigindo que novas teorias e métodos, sejam incorporados no escopo de discussão sobre a formação. Sobretudo quando esta atuação se propõe a ser realizada em locais que tem questões sociais como a fome, a pobreza, a miséria, o desemprego, a violência, etc, como foco da intervenção.

Nesses espaços mais que intervir no sofrimento psíquico ou sobre os processos de ajustamento social, cabe ao psicólogo manejar situações cujos determinantes repousam nas condições estruturais que compõe a sociedade capitalista (RODRIGUES; GUARESCHI; CRUS; 2013) A atuação profissional nesse sentido requer compromisso social, ético e político e práticas que sobreponha àquelas clínicas - psicoterápicas - individualizantes por atuações capazes de produzir nos sujeitos processos de autonomia, co-gestão de seus processos de saúde e de vida e, o reconhecimento de suas possibilidades de transformação (ONOCKO CAMPOS; CAMPOS, 2009), como, por exemplo, com o reconhecimento e enfrentamento da pobreza.

Sendo assim, refletir acerca da inserção e atuação de psicólogos em Políticas Públicas de

Araújo, J.S.

Saúde e Assistência Social é necessário, mas é urgente também compreender como os psicólogos em processo de formação tem se apropriado de conceitos como pobreza, desigualdades sociais, o Programa Bolsa Família e como estes vislumbram suas atuações diante de contextos que exigem a atuação frente aos problemas políticos, sociais e econômicos postos.

Diante destas reflexões, a pesquisa justifica-se e esse estudo se faz relevante uma vez que se propõe a sinalizar como a formação os discentes em Psicologia compreendem a pobreza e as desigualdades econômicas e, como estes tencionam e vislumbram a atuação profissional em territórios em que a pobreza é característica da população a ser atendida, podendo subsidiar possíveis discussões e intervenções no que se refere à revisão da formação profissional.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo cuja estratégia metodológica consiste na pesquisa do tipo descritiva. Como técnica para a coleta de dados optou-se pelo uso de questionário semi-aberto, com perguntas sociodemográficas fechadas mas, também, com questões que permitissem ao participante do estudo escrever com liberdade a cerca da sua compreensão sobre o tema pobreza e sobre suas experiências pessoais sobre o seu processo de formação profissional.

Local da Pesquisa

O estudo foi realizado com alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Piauí, localizado no campus de Parnaíba/Piauí. O curso de Psicologia da UFPI, que foi aprovado no ano de 2006 e implantado em 2007, completa em 2016 dez anos e, foi fruto da consolidação do Programa de Apoio

Psicologia, pobreza e produção de subjetividade...

à Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) de 2007.

O REUNI é iniciativa do Governo Federal para criação de estratégias que possibilitem o crescimento do ensino superior no país, através da expansão do acesso às Universidades Federais (UF), criação e ampliação de UF e interiorização de Campis, aumento do contingente de recursos humanos, melhoria e aproveitamento da estrutura física desses pólos e preocupação com a qualidade do ensino ofertado na educação Pública (BRASIL, 2007).

O curso de Psicologia da UFPI também tem como plano de fundo de sua criação e implantação, o processo de interiorização da profissão de Psicologia pelo País, o que, segundo Macedo e Dimenstein (2011) devem-se à consolidação de Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social pelo Brasil que, em suas bases legais, sinalizam o psicólogo como profissional indicado e ou necessário para a composição das equipes técnicas de trabalho.

Participantes

Foram convidados para participar da pesquisa alunos do curso de Psicologia da UFPI, regularmente matriculados entre o primeiro e o décimo períodos. O critério de inclusão e seleção da amostra, que foi não-probabilística, aleatória e não intencional, justificou-se, pela tentativa de incorporar no estudo discente em diferentes etapas do processo de formação profissional. A escolha do número de participantes no estudo se deu por critérios de saturação.

Aceitaram participar do estudo 35 discentes em Psicologia, sendo eles 12 com orientação de gênero masculina e 23 com orientação feminina. As idades dos discentes participantes variaram entre 17 e 44 anos. Quanto ao estado civil, 14% da amostra declararam-se casados, os outros participantes afirmaram-se como solteiros. Como

Araújo, J.S.

naturalidade foram mencionadas as cidades de: Parnaíba, Teresina, Picos, Landre Sales, Floriano, Anísio de Abreu e Brasileira, no Piauí; Sobral e Crateús no Ceará; Araiões no Maranhão; Ceilândia no Distrito Federal; e São Bernardo do Campo em São Paulo.

Apenas dois dos participantes tinha outro curso universitário, sendo as outras graduações em Contabilidade e Letras Português. Todos os outros participantes da pesquisa têm a Psicologia como a primeira experiência universitária de formação.

Instrumento e Procedimento de coleta de dados

Utilizou-se questionário semi-aberto que continha breve introdução explicativa sobre os objetivos do estudo, perguntas fechadas a respeito dos dados sociodemográficos dos participantes, palavras estímulo que deveriam disparar respostas de acordo com a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) e questões abertas que versavam sobre as motivações pessoais para a escolha do curso de Psicologia, a compreensão pessoal do participante a respeito do tema pobreza e a percepção do discente sobre a atuação da Psicologia em contextos de pobreza, em um total de cinco perguntas abertas.

Os discentes foram abordados em sala de aula, mediante autorização do professor presente, e convidados a participar do estudo. Após esclarecimentos a respeito da pesquisa, e do caráter livre de participação, os interessados foram convidados a confirmar o interesse através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para o posterior preenchimento do questionário e, assim, inclusão na pesquisa

Procedimentos de análise de dados

Como procedimentos de análise e tratamento dos dados, utilizou-se, o software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses R. Interd. v. 12, n. 1, p. 39-49, jan. fev. mar. 2019

Psicologia, pobreza e produção de subjetividade...

Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), que permite visualizar a frequência em que cada termo aparece no conteúdo dos dados coletados, mas, que também oferece a sua contextualização e associação das semelhanças entre palavras mencionadas, possibilitando, assim, uma análise lexical quantitativa ao considerar cada palavra como unidade, mas dando margem para a análise quantitativa do corpus textual.

Para análise das questões abertas, além do uso do software IRAMUTEQ, apoiou-se na técnica de Análise de Conteúdo com base em Minayo (2006). A análise foi conduzida por questionamentos tais como: Qual a compreensão que os discentes têm sobre pobreza? Como atribuem a atuação do profissional de Psicologia em contextos de pobreza? Como estes avaliam a formação que tem recebido para atuar nestes cenários? Quais os principais campos de interesse na profissão dos discentes do curso de Psicologia da UFPI?

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

As respostas dadas nos questionários pelos 35 participantes foram transcritas de forma a compor o corpus inicial do estudo que foi submetido à análise pelo software IRAMUTEQ. No programa o corpus foi transformado em 90 segmentos de texto, com 3.378 ocorrências, 1.151 formas e 7455hapax (palavras que aparecem uma única vez no corpus).

Em seguida, o corpus da pesquisa foi submetido à análise de nuvem de palavras, com o objetivo de agrupar os vocábulos que surgiram nas respostas dos participantes com maior frequência. O resultado desta análise pode ser visto na Figura 1.

Araújo, J.S.

Quadro 1. Motivos voltados para si.

“Entender meu pensamento.”
 “Ter um curso superior. Fazer um concurso federal.”
 “É um tanto complexo explicar em poucas linhas mas de forma geral vários fatores que ocorreram em minha vida contribuíram para a escolha.”

Fonte: pesquisa direta.

Em 8% das respostas a escolha pelo curso se deu por motivos voltados pela profissão:

Quadro 2. Motivos voltados para a profissão.

“Desde a adolescência já existia o interesse em cursar psicologia por conta da psicologia jurídica que sou encantada 5% por outros motivos.”
 “O interesse pela psique.”
 “Por apresentar um leque de oportunidades de se trabalhar em áreas distintas.”

Fonte: pesquisa direta.

E, na maioria dos casos, 76%, a motivação pela Psicologia estaria voltada para o outro:

Quadro 3. Motivos voltados para o outro.

“O fato de você com os conhecimento adquiridos na academia, pode ajudar as pessoas a lidar com seus problemas.”
 “Fornecer auxílio e escuta a população, ajudar a encontrar saídas para o sofrimento psíquico.”
 “Por motivos de querer ajudar o próximo.”

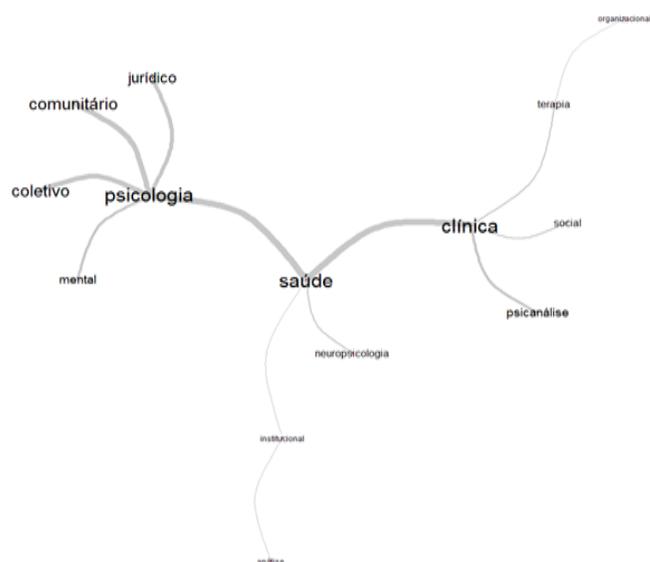
Fonte: pesquisa direta.

Os dados consolidam a mística de que a profissão de Psicologia tem como função o ajudar. Ressalta-se ainda que a preocupação em ajudar, na maioria das respostas fornecidas gira em torno de ajudar pessoas, de forma isolada ou individualmente, destacando distúrbios, problemas e sofrimentos individuais. Tal aspecto sinaliza que ao ingressarem no curso, os discentes interessavam-se pelos processos subjetivos individualizados, que sustentam a prática clínica privatista da profissão. Tais informações tencionam questionamentos como: O interesse por esta atuação individualizante em psicologia se mantém ao longo do curso? Quais as principais áreas de R. Interd. v. 12, n. 1, p. 39-49, jan. fev. mar. 2019

atuação dos alunos ao longo do processo de formação?

Assim, no que tange o perfil de interesse do profissional em formação pela UFPI, quando perguntados a respeito dos campos e áreas de atuação em Psicologia, as respostas fornecidas, quando submetidas à análise de similitude do IRAMUTEQ gerou as seguintes co-ocorrências e conexões entre as palavras.

Figura 3. Áreas de interesse em Psicologia.



Fonte: pesquisa direta.

A análise de similitude permite indicar as conexões entre os vocábulos, colaborando para a compreensão do conteúdo do corpus textual. Assim, como pode ser visto na figura 3, Psicologia, Saúde e Clínica foram os termos mais mencionados e estes se conectam com a preferência de atuação nos campos: Psicologia Clínica, psicoterapia e abordagens psicoterápicas em 28% das respostas, Psicologia jurídica em 25% e Saúde Mental, Saúde Coletiva, Psicologia Comunitária em 54% do que foi respondido.

Estes indicadores sinalizam que, apesar dos motivos iniciais para cursar psicologia tendo como fundo o ajudar indivíduos e seus sofrimentos de forma particularizada, os discentes em processo de formação afirmam campos de interesse para a atuação que compreendem os sujeitos como seres

Araújo, J.S.

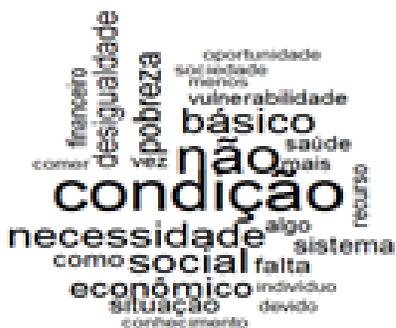
coletivos e cujo adoecimento não é fruto apenas de processos individuais.

Assim é pertinente tecer questionamentos tais: O profissional de Psicologia tem sido formado para “ajudar” pessoas cujo sofrimento perpassa por questões sociais e coletivas? O que os estudantes entendem por pobreza? Como visualizam possíveis atuações em contextos empobrecidos? Como o curso tem preparado profissionais para atuar em Políticas Públicas?

A compreensão de Pobreza para os discentes

Com a finalidade de compreender a concepção de pobreza que sustentam os discentes do curso de Psicologia da UFPI e de problematizar em que medida a compreensão que se tem é atravessada ou não pela proposta de formação profissional, foi questionado aos discentes o que eles entendem por pobreza. O corpus das respostas dos participantes permitiu gerar a seguinte nuvem de palavras.

Figura 4. A compreensão de Pobreza para os discentes.



Fonte: pesquisa direta.

Os termos condição, necessidade, não, básico, social, econômico foram os mais mencionados no corpus textual desta pergunta.

De uma forma geral a compreensão de pobreza dos discentes em formação está relacionado ao viés econômico, a falta ou escassez de recursos financeiros para suprir necessidades consideradas básicas, a ausência de moradia e

Psicologia, pobreza e produção de subjetividade...

alimentação o que é atribuído a estrutura vigente do sistema capitalista e a falta ou pouco acesso ao mercado de trabalho e a Políticas Públicas.

Quadro 4. Compreensão de pobreza.

<p>“Estado socioeconômico desfavorecido pela desigualdade social e falta de espaço no mercado de trabalho”</p> <p>“Falta de recursos financeiros para conseguir alimentar-se e ter uma qualidade de vida”</p> <p>“É a vivência de necessidades econômicas, motivadas pelos sistema de exclusão em que vivemos e que gera outras situações como a fome e a ausência de moradia”</p> <p>“Características de quem vive sem a devida condição de suprir suas necessidades”</p> <p>“Ser pobre é ser ignorante, acredito que a maior riqueza é o conhecimento por que ele liberta a mente”</p> <p>“Seria a não condição de algo. A qualidade de algo ou alguém que não dispõe de recursos, sejam eles materiais e não materiais. Como conhecimento, inteligência, oportunidade, relações, cultura, etc.”</p>
--

Fonte: pesquisa direta.

Para os alunos participantes do estudo a pobreza é fruto do sistema econômico, portanto, socialmente produzida e tem como característica principal a ausência e a negação de acesso a condições de subsistência.

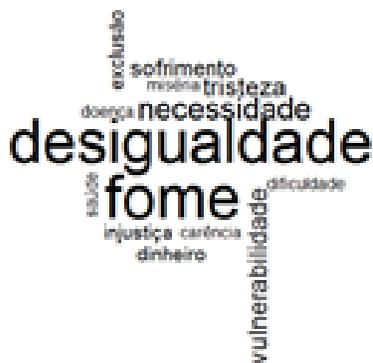
Nessa perspectiva, ainda com a intenção de assimilar a compreensão de pobreza, de desigualdades sociais e do papel do Programa Bolsa Família no enfrentamento à pobreza foi solicitado que os alunos discentes de Psicologia participassem da Associação Livre de Palavras, técnica que tem um viés projetivo e que consiste na solicitação de que os participantes do estudo registrem de forma espontânea as três primeiras palavras que são possíveis lembrar a partir de determinada palavra estímulo.

Associações entre Pobreza, Desigualdades Socioeconômicas e o Programa Bolsa Família **Relação em formação profissional e Pobreza**

Foi apresentado aos participantes, por intermédio do questionário, as seguintes palavras de estímulo: Pobreza; Desigualdades Socioeconômicas; Programa Bolsa Família. Assim,

Araújo, J.S.
quanto ao estímulo pobreza, a nuvem de palavras produzida pelas respostas mencionadas foi a seguir.

Figura 5. TALP Palavra estímulo pobreza.

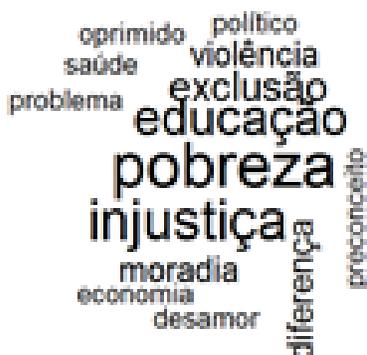


Fonte: pesquisa direta.

Os termos desigualdades, fome, necessidade foram os mais mencionados neste estímulo. Em certa medida as respostas produzidas pela associação livre confirmam a compreensão de pobreza como condição de ausência para o acesso e manutenção de condições básicas de subsistência e de vida.

Quando a palavra estímulo foi desigualdades socioeconômicas, a frequência dos termos relatados no corpus textual permitiu produzir a seguinte nuvem de palavras.

Figura 6. TALP Palavra estímulo Desigualdade socioeconômica.



Fonte: pesquisa direta.

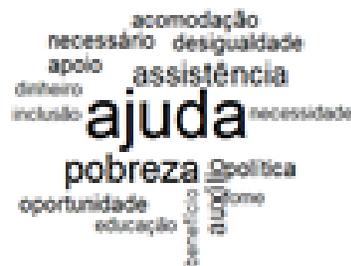
Pobreza, injustiça, educação, exclusão e violência foram as palavras mais referenciadas diante do estímulo desigualdades. Mais uma vez a resposta produzida pelos discentes afirma a

Psicologia, pobreza e produção de subjetividade...

pobreza e a desigualdade como fenômeno de origem econômica, mas aqui mencionam termos de questões sociais que podem ser tencionadas a partir da restrição ao acesso a recursos financeiros como: a violência, o acesso à educação, saúde e moradia, a injustiça e a opressão.

Em seguida, foi solicitado que os alunos de Psicologia relacionassem as palavras que eram lembradas a partir do termo estímulo Programa Bolsa Família (PBF).

Figura 7. TALP Palavra estímulo Programa Bolsa Família.



Fonte: pesquisa direta.

Neste quesito, ajuda, pobreza, assistência, acomodação, desigualdade e necessário, foram termos mencionados e que merecem atenção. Em nenhuma das respostas o PBF foi referido como direito ou como uma política nacional de transferência de renda.

No contexto geral das respostas observa-se que, ao passo que consideram a renda como o principal agenciador das desigualdades e reconhecem sua importância para a garantia de necessidades básicas de subsistência, há, em contrapartida, uma associação do PBF como uma política de governo, que tem função de apoiar, com caráter transitório e assistencial. O que evidencia o desconhecimento por parte dos discentes em Psicologia a respeito do Programa, sua organização e serviços que tenciona, como, por exemplo, os serviços de acompanhamento das famílias beneficiárias e promoção de autonomia do benefício, realizados pelas equipes de referência dos CRAS, dos quais o psicólogo compõe a equipe.

Araújo, J.S.

Partindo dessa constatação, na categoria de análise seguinte, será apresentado como, para os discentes em Psicologia da UFPI a profissão se relaciona e se materializa nos contextos de pobreza.

A atuação do Psicólogo em contextos de pobreza

Nesta categoria serão apresentados os dados produzidos a partir das perguntas referentes à compreensão dos discentes a respeito da incorporação da pobreza na proposta de formação e conteúdos do curso e, como estes visualizam os contextos de pobreza como cenários possíveis de materialização do saber Psicológico.

Para 40% dos participantes do estudo, a proposta de formação em psicologia da UFPI não tem preparado os alunos para atuarem em contextos de pobreza. Os discentes entrevistados afirmam que as discussões sobre pobreza e desigualdades sociais não acontecem durante o curso.

Quadro 5. A formação não prepara para atuar com a pobreza.

“Não, pois são poucas disciplinas que abordam esse aspecto, não dando motivação ou suporte teórico para atuar com esse ‘público’. A formação é majoritariamente atuante.”

“Não, e esse posicionamento configura-se para mim como uma crítica a minha formação por deixar de fora do campo da reflexão tão reais do nosso cotidiano.”

“Não, não temos muitas discussões sobre isso especialmente e embora que haja algumas faltas a experiência prática, que certamente só contemplará no final do curso.”

“Não a nossa formação até agora não nos preparou para lidar com essas questões, para dar apoio e assistência aqueles que são mais pobres. Acho que isso passa por uma questão de currículo, a nossa matriz ainda é muito engessada e anacrônica.”

Fonte: pesquisa direta.

Em 17% das respostas os discentes afirmam que o curso tem preparado pouco para atuar com populações em situações de pobreza e que, quando isso acontece, se dá de forma centralizada em disciplinas específicas como as disciplinas de Psicologia Social e Psicologia Comunitária.

Psicologia, pobreza e produção de subjetividade...

Quadro 6. A formação pouco prepara para atuar com a pobreza.

“Acredito que muito pouco, pois ainda se tem no curso uma grade muito voltada para a subjetividade intrapsíquica, deixando assim os processos que envolvem o território de cara.”

“Nem sempre. Porque compreender este fenômeno social requer estudá-los e são raros debates que trazem isso, no entanto pode mudar.”

“Não o suficiente. Por que se tenha avançado esse aspecto, acredito que essa questão ainda é pouco abordada e tratada a margem como se nós lutemos profissionais não fossemos vivenciar ou muitas vezes vivenciamos esse processo desigual.”

Fonte: pesquisa direta.

Os outros 43% dos participantes da pesquisa afirmaram que estão sendo formados para atuarem com população em situação de desigualdade socioeconômica e, em alguns casos afirmam este como campo de interesse para a atuação.

Quadro 7. A formação prepara para atuar com a pobreza.

“Sim, se outrora eu compreendo a pobreza pelo crivo da acomodação, hoje penso como resultante de um processo de desigualdade e configura-se como uma mazela social e não individual.”

“Acredito que sim, pois a maior parte de psicologia trabalha com causas sociais e o público com vulnerabilidade social.”

“Sim, no sentido de fazer orientações acerca desse público.”

“Sim, em relação ao nosso toque e sensibilidade diante disso, ao encontro, e não em relação a não buscar efetivamente mudanças.”

“Sim, pois somos sempre ensinados a sempre ajudar o próximo vir a julga.”

Fonte: pesquisa direta.

O conteúdo das respostas apresentadas afirma a intervenção profissional em cenários de pobreza através da habilidade da escuta e da orientação, mas, sem visualizar a possibilidade de que a intervenção do psicólogo seja potente no sentido de proporcionar o reconhecimento das desigualdades sociais como fruto de um processo econômico e sócio-histórico e de agenciar processos de autonomia e transformação das condições de vida.

CONCLUSÃO

De uma forma geral os discentes de psicologia compreendem a pobreza como processo fruto do sistema econômico vigente e que se caracteriza pela negação da possibilidade de consumo e de

Araújo, J.S.

subsistência. Para eles os contextos de pobreza são campos possíveis de atuação profissional, entretanto, avaliam que a proposta de formação do curso não os tem preparado para atuar nesses cenários.

No que diz respeito à atuação da Psicologia nos contextos de pobreza os dados sinalizam que a escuta qualificada e a orientação e acesso a informação são as principais estratégias possíveis de trabalho.

Quanto à compreensão do papel do Programa Bolsa Família, os dados sinalizam que ainda há pouca compreensão dos discentes a respeito deste benefício que, foi mencionado como ajuda e auxílio mas, não como direito. Nem tampouco foi mencionada a possibilidade do acompanhamento de beneficiários do PBF como possível contexto para a atuação do psicólogo.

Dessa forma acredita-se que se faz relevante a ampliação das discussões, ainda na formação de temas e conteúdos que perpassem a questão social, a pobreza e as desigualdades de forma a permitir que os profissionais egressos da proposta de curso da UFPI estejam orientados também para o desenvolvimento do trabalho social em saúde e com famílias e que vislumbrem a atuação do Psicólogo como potência nos processos de transformação subjetiva mas, também social.

REFERÊNCIA

ACCORSSI, Aline; SCARPARO, Helena; GUARESCHI, Pedrinho. A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 3, 2012.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. **Diário oficial da União**, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 28 de junho de 2016.

BRASIL. Lei Orgânica da Assistência Social. **Lei 8742** de 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8742.htm Acessado dia 28 de junho de 2016.

R. Interd. v. 12, n. 1, p. 39-49, jan. fev. mar. 2019

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social. **Orientações Técnicas dos Centros de Referência da Assistência Social**. Brasília: DF; 2009.

BRASIL. Diretrizes do Programa de Apoio à Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Brasília: 2017. Disponível em: <http://www.reuni.ufscar.br/diretrizes-reuni>. Acessado em: 01 de outubro de 2016.

CAMPOS ONOKO, Rosana; CAMPOS, Gastão. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. In: CAMPOS, Gastão. **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: huctec, 2006.

CAMPOS, E.B. **Assistência Social: do descontrole ao controle social**. Revista Serviço Social e Sociedade, nº 88. São Paulo: Cortez. Novembro de 2006. P. 101 a 121. 78.

CARVALHO, M. C. B. Gestão Social: alguns apontamentos para o debate. In: **Gestão Social uma questão em debate**. Elizabeth de Melo Rico e Raquel Raichelis (org), São Paulo: EDUC-Editora da PUC, 1999.

CARVALHO, Anamélia; ULIAN, Ana Lúcia; BASTOS, Antônio Virgílio. et. all. A escolha da profissão: Alguns valores implícitos nos motivos apontados pelos psicólogos. In: **Quem é o psicólogo Brasileiro?**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: 1988.

CIAMPA, Antônio. **A estória do Severino e a história da Severina: Um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: brasiliense, 2015, p. 253.

DANTAS, Cândida Maria Bezerra. **Psicologia e pobreza no Brasil: Limites e perspectivas da produção de conhecimento e atuação do psicólogo**. 2007.

DANTAS, Candida Maria Bezerra; DE OLIVEIRA, Isabel Fernandes; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Psicologia e pobreza no Brasil: produção de conhecimento e atuação do psicólogo. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 22, n. 1, 2010.

DE OLIVEIRA, Isabel Fernandes; DE OLIVEIRA AMORIM, Keyla Mafalda. Psicologia e política social: O trato da pobreza como sujeito psicológico. *Psicol. Argum*, v. 30, n. 70, p. 559-566, 2012.

DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra. O psicólogo nas unidades básicas de saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. *Estudos de Psicologia*, v.3, n.001 p.53-81. 1998. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/261/26130104.pdf> Acesso em 1º de maio de 2016.

Araújo, J.S.

DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra. O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. **Psicologia em Estudo**, v.6, n.2, p.57-63. 2001.

EUZÉBIOS FILHO, Antonio; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, 2009.

FERREIRA NETO, João Leite. A atuação do psicólogo no SUS: Análise de alguns impasses. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n.2, p. 390-403.2010a. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n2/v30n2a13.pdf>> Acesso em 16 de maio de 2016.

FERREIRA NETO, João Leite. Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. **Memorandum**, 18, p.130-142. 2010b. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum>>. Acesso em 24 de outubro de 2016.

GIL, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo:, 1999.

LIMA, Vinicius Cesca. et al. **Psicologia da Pobreza e Pobreza da psicologia: um estudo sobre o trabalho de psicólogas (os) na política pública de assistência social**. 2014.

MINAYO, Maria. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petropolis- RJ: Editora Vozes, 2010.

MOREIRA SILVA, Renata Danielle; SOUZA, Lídio de. A produção acadêmica brasileira acerca da pobreza na perspectiva da teoria das representações sociais. **Mental**, v. 8, n. 14, p. 29-48, 2010.

PONTES, Reinaldo Nobre. Concepções de pobreza dos atores sociais na política de assistência social no período FHC. **Revista Katálisis**, v. 13, n. 2, p. 181-190, 2010.

REGO, Walquiria; PINZANI, Alessandro. **Vozes do bolsa família: autonomia, dinheiro e cidadania**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p 249.

RODRIGUES, Luciana; GUARESCHI, Neuza MF; DA CRUZ, Lílian Rodrigues. **A centralidade do vínculo familiar e comunitário nas políticas públicas de assistência social**. Interloquções entre a psicologia e a Política Nacional de Assistência Social, p. 11, 2013.

TELLES, V. S. **Pobreza e cidadania**. São Paulo, USP: ed. 34, 2001.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; OLIVEIRA, Isabel Fernandes. Política Social e Psicologia: Uma Trajetória de 25 Anos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. especial, p. 9-24. 2010. Disponível em <<http://www.revistaptpt.unb.br/index.php/ptp/article/view/484/8>> Acesso em 1 de abril de 2016.

Submissão: 12/07/2018

Aprovação: 18/11/2018